

Curtíssima duração

A elevação das taxas de juros foi absolutamente necessária para desarmar os fortes movimentos especulativos nos vários segmentos do mercado financeiro. A alternativa naquele momento teria sido uma desvalorização do Real, com consequências imprevisíveis para o conjunto da economia, pois, deflagrado esse processo, nenhuma autoridade governamental tem condições de estabelecer a medida da correção da moeda. Já a mudança nos juros é uma terapia de choque — e sua dosagem, de certa forma, pode ser mantida sob controle da equipe econômica.

No entanto, juros reais como os agora existentes no Brasil somente são admissíveis em situações de emergência e por curta duração. Se perdurarem por mais de dois ou três meses, o país correrá sério risco de entrar em profunda recessão. Além disso, todo o esforço para ajuste das contas públicas irá por água baixo, já que os juros altas transformam a dívida pública mobiliária em bola de neve.

Dessa forma, não basta ao Congresso agir positivamente em relação à parte do pacote que depende de sua aprovação. Agora, mais do que antes, precisa acelerar a tramitação das reformas constitucionais.

Só dessa maneira estará configurado um quadro político e econômico capaz de tranquilizar investidores e evitar que o país perca nos mercados internacionais, o crédito restabelecido a duras penas depois dos muitos erros cometidos na administração do endividamento externo.

...o país
correrá sério
risco de entrar
em profunda
recessão

O mais grave problema da economia brasileira é sem dúvida o desequilíbrio nas contas públicas. Esse déficit absorve uma parte considerável da poupança interna, obrigando o Brasil a recorrer demasiadamente à poupança externa para financiar seu desenvolvimento.

O Governo está trabalhando na direção certa ao buscar o ajuste fiscal principalmente pelo corte de despesas. Essa é a via que menos onera a população e também a que menos se choca com a tarefa de se reduzir o custo Brasil.

Como as iniciativas tomadas têm consistência com o programa de estabilização da moeda, a manutenção das taxas de juros elevadas não fará mais sentido quando as bolsas e os mercados futuros voltarem a apresentar uma trajetória menos especulativa.

Enquanto o Brasil precisar conviver com juros altos — mesmo se tratando de algo na faixa de 1,58% ao mês, como estavam antes do choque causado pelas bolsas de valores do Sudeste da Ásia — não teremos uma economia que se possa caracterizar como saudável.

Juros de 1,5% ao mês dentro de um ambiente em que a inflação não passa da casa de 0,5% são grave sintoma de debilidade. No caso, essas taxas refletiam até o início de outubro o déficit nas contas públicas, que vinha declinando em ritmo lento demais.

Se logo ficar claro para os mercados que o déficit público passará de fato a ser combatido a ferro e fogo, juros de 3% ou 1,5% perderão a razão de ser.